

PROCESSOS INTERATIVOS E A PROMOÇÃO DE REFLEXÕES SOBRE EMPATIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Karla Paloma Silva Souza ¹

RESUMO

Diante do contexto da Pandemia do Covid-19, emergiram diversas temáticas acerca do cuidado com a saúde física e mental, que implicam e geram impactos nas experiências vivenciadas numa nova realidade, questionando-se sobre a prática do cuidado na sua relação com a empatia, considerando o âmbito pessoal e profissional do ser humano, o pertencimento a um coletivo, e a visibilidade com que reconhece a necessidade de intervenção na sua vida, para promoção de aspectos que contribuam com as vivências do outro. A presente pesquisa é qualitativa, resultado da coleta de dados bibliográficos e discussões promovidas durante a participação na disciplina de Processos Interativos no Espaço Escolar, componente curricular da graduação de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco. Aderindo aos protocolos de segurança de distanciamento social em decorrência do novo Coronavírus, a realização das aulas ocorreu no formato remoto de ensino. Constatou-se desta forma, a prioridade em ampliar o alcance e percepção dos sujeitos quanto aos aspectos socioemocionais diante da intensidade de cobranças num paradigma em atender a padrões que ignora sua existência, possibilitando assim, o incentivo no agir com empatia no compartilhamento de experiências.

Palavras-chave: Empatia, Experiências, Formação, Aprendizagem, Interação.

INTRODUÇÃO

O ponto de partida decorreu das experiências vivenciadas numa nova realidade, que lida com aspectos de um vírus (Covid-19), mais especificamente, o novo coronavírus (Sars-Cov-2). A organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a tendência alarmante quanto à dimensão de contágio, e índices de mortalidade a nível internacional (OPAH/OMS, 2020). A pandemia provou repercussão nos diversos cotidianos, tais como, familiares, trabalhistas e acadêmicos, numa gravidade que vai economicamente de desempregos à influências na saúde física e mental.

Diante desse contexto, no cumprimento da Portaria nº 544 (BRASIL, 2020), o processo educacional universitário também precisou se adequar aos protocolos de segurança, suspendendo a realização das aulas presenciais. Por isso, foi adotada a estratégia emergencial do formato de ensino remoto para dar continuidade às aulas. Inserida nesse formato, esteve a disciplina de Processos Interativos no Espaço Escolar, componente curricular da graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco, cuja proposta ocorre de forma dinâmica. Suas aulas quando realizadas presencialmente, ocorrem num espaço lúdico, numa

¹ Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, karlapaloma8@gmail.com;

aproximação com diversas temáticas dos aspectos da realidade do ser humano, principalmente socioemocionais. “As competências socioemocionais são capacidades individuais que se manifestam nos modos de pensar, sentir e nos comportamentos ou atitudes para se relacionar consigo mesmo e com os outros, estabelecer objetivos, tomar decisões e enfrentar situações adversas ou novas.” (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2020).

No formato remoto assíncrono, as aulas aconteceram através de plataformas virtuais com o compartilhamento digital de materiais bibliográficos e multimídias (links, vídeos, slides). Já nos encontros síncronos, através de videoconferências, onde foram promovidas diferentes discussões acerca da vulnerabilidade emocional, articuladas às abordagens teóricas. Com o decorrer da participação nas atividades, pôde-se evidenciar como justificativa para elaboração dessa pesquisa, a importância acerca da prática do cuidado, principalmente o autocuidado e sua relação de pertencimento a um coletivo. Sendo o diálogo, um meio para ressaltar reflexões sobre nossa condição humana, e a necessidade de sensibilização que se faz presente nas cobranças diárias, do exercício de diferentes papéis que assumimos, tais como membros de uma família, e em atividades profissionais.

Condicionantes e determinantes são estabelecidos com critérios de exigências para o agir em sociedade, independente do modo de pensar e sentir dos sujeitos. Porém, há conflitos e vivências singulares gerados dessa postura, e que precisam ser reconhecidos, ressignificados. Para que essa reflexão possa ter uma maior repercussão, é essencial que também possa ser tratada nos espaços escolares, onde existe grande movimento de interação, sobretudo com empatia, que apresenta-se como:

a capacidade de assumir a perspectiva dos outros e de utilizar habilidades para entender suas necessidades e sentimentos, agindo com generosidade e consideração. De acordo com essa percepção, uma pessoa empática constrói relacionamentos próximos e consegue ajudar, apoiar e dar assistência, tanto material quanto emocional, a outras pessoas; enfim, é ser uma pessoa generosa e de fácil convívio. (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2020).

Na educação socioemocional contempla-se a valorização de atitudes, e comportamentos que concretizam o respeito ao ser humano durante sua atuação em sociedade, estimulando uma participação ativa com responsabilidade. Paralelamente, também o reconhece em sua totalidade, ou seja, na superação do paradigma que prioriza a dimensão cognitiva, que mensura e delimita suas capacidades. (SOMOSPAR, 2018).

METODOLOGIA

Considerando o período pandêmico da Covid-19, e as contribuições da psicologia na sua dimensão educacional, a presente pesquisa tem como objetivo apresentar reflexões da

dinâmica coletiva em processos interativos remotos da prática pedagógica. Diante desse cenário, trata-se aqui de uma pesquisa qualitativa, que conforme Trevisol (2017), está relacionada a fenômenos sociais, nas suas particularidades ou complexidades, por meio de uma aproximação com a concepção dos dados obtidos. Esses, resultantes de uma pesquisa bibliográfica, cuja elaboração consiste na coleta de dados por meio da consulta e análise de produções já publicadas, contribuindo com subsídios para o embasamento teórico e discussão da proposta. (TREVISOL, 2017).

Sendo assim, ressalta-se a relação desta pesquisa com a organização, planejamento e execução da disciplina Processos Interativos no Espaço Escolar, que remotamente tornou o ambiente virtual um espaço de encontros e trocas entre os participantes. Com discussões teóricas e reflexões emergentes, sua acessibilidade e sensibilidade conquistaram significativo alcance, cujas temáticas sinalizam a gravidade com que se negligencia determinados aspectos e consequências da ausência de humanização.

REFERENCIAL TEÓRICO

- *Automatismo na intensidade das demandas*

Han (2015) explica sobre a transição entre a Sociedade Disciplinar de Foucault e a Sociedade de Desempenho do século XXI, no agravante que se estabeleceu durante a sequência. O autor elucida que a sociedade disciplinar caracteriza-se pelos aspectos de manipulação dos detentores de poder, cujas práticas de controle e ameaças resultam em pessoas frustradas, desestimuladas, e pertencentes a um conformismo de aprisionamento. Ao tratar sobre a sociedade de desempenho, ele apresenta a existência do discurso de encorajamento ao sujeito, através de uma autonomia velada, que estimula o potencial de capacidades para concretizar planos, cuja intencionalidade está relacionada às estratégias do processo de produção. Sendo assim, um comportamento que decorre da ausência de reconhecimento do termo pausa, já que não mede esforços para delimitar suas imposições e alcançar resultados.

Numa perspectiva de positividade, Han (2015) discute tratar-se de uma autosabotagem praticada pelo sujeito de forma inconsciente, já que agora o controle, ou a falta de controle sobre si, faz com que se autoexplora sem perceber. Desta forma, há uma busca em atingir metas estabelecidas pelo outro, atendendo ao paradigma de uma sociedade pós-moderna do trabalho.

No âmbito educacional, Molero (2015) ressalta as dificuldades de aprendizagem nos métodos de ensino, quando a escola seleciona e classifica os estudantes que atendem a

determinado padrão, e assim, dificulta a permanência dos que não são contemplados por seus critérios. O autor problematiza essa postura em sua capacidade de gerar uma culpabilização no estudante diante de uma tentativa frustrada. E alerta para reavaliação de novas práticas, que possam incentivar a potencialidade entre os membros da comunidade escolar, reconhecendo suas particularidades, e atuando no combate às censuras e julgamentos, que intimidam e restringem as participações no desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

- *Formação, informação e experiência.*

Conforme Bondia (2002), há um misto de atitudes, conflitos, e emoções imbuídos em palavras, na significação dada ao contexto, intrinsecamente por cada sujeito, e que não se restringe a uma passagem temporal. Sendo assim, a expressão através das palavras que mostra a intencionalidade de reflexões do pensar, sentir e modo de agir. A discussão apresentada pelo autor, explica o domínio que a informação exerce no processo de formação, determinando como se deve agir criticamente com a opinião. Desta forma, a manifestação do sujeito estaria relacionada com a necessidade em se adequar aos padrões de civilização, mensurando seus conhecimentos.

Bondia (2002) também elucida que o sujeito é tratado como objetificação, “depósito” de conhecimento e máquina de produzir opinião. Um exemplo de aprendizagem meritocrática, onde você comprova o que sabe quando cumpre com a transmissão do saber (Professor) na preparação, e na reprodução desse saber (Estudante). O objetivo consiste em alcançar um imediatismo que não simboliza profundidade, e logo gera o tédio pela velocidade que assumem durante a ocupação do tempo, por atingir rapidamente a busca insaciável por novidades. Sendo assim, não há tempo para reflexão, já que as pessoas não querem tornar-se ultrapassadas, e vivem em constantes tentativas de acompanhar tendências, atender a critérios de desenvolvimento exigidos por formação, e no desempenho de suas atividades, cobranças e demandas a atender sem perspectivas de reflexões significativas. O autor mostra criticamente que diante disso, a experiência prática foi deixada para segundo, terceiro plano, cuja prioridade foi assumida pela teoria, como uma síndrome do pensamento acelerado.

Desta forma, há também um alerta para valorização da experiência como desafio, que incentiva a aprendizagem através dos momentos vivenciados, na construção da identidade dos sujeitos, o que os caracterizam como seres vivos, sendo capazes de conhecer suas fraquezas e desenvolver virtudes. Tornando assim, significativa a capacidade de sensibilização com uma passagem temporal, apreciando os detalhes das circunstâncias como uma lição de vida, para além de si mesmo, sem egoísmo. Através dessa prática, Bondia (2002) esclarece que torna-se

possível uma autorreflexão dos acontecimentos, do fluxo dos aspectos, comportamentos, do espaço no qual se está inserido, e as influências exteriores envolvidas, de modo a evitar a transferência de responsabilidades da felicidade ao outro, que ama, e assume a condição de dependente.

Isso não significa que deve-se abandonar à procura por conhecimento, mas ser capaz de fazer escolhas de modo equilibrado, entre teoria e prática. A experiência é de fato, um acontecimento em que cada um reage e concebe tal situação. Bondia (2002) critica assim, a generalização com que a experiência está sendo concebida atualmente, como algo público, estável, disponível para consulta, sem valorizar sua construção, restrita a uma definição e descrição, como numa orientação de como deve ser compreendida, ao invés de estimular práticas de experimentações.

- *Coletividade e pertencimento*

Ávila (2009) ao trazer a proposta da teoria dos grupos, elucida a perspectiva do sujeito no momento em que reconhece seu pertencimento a uma coletividade, mais especificamente ao grupo, quando avalia o conjunto do que se construiu durante sua trajetória, em relações iniciadas antes de seu nascimento. O autor traz a abordagem de Freud quanto ao esclarecimento de que não há diferenças entre a psicologia individual e coletiva, ressaltando a importância desta para o desenvolvimento do homem, que a partir da interação em grupo mostra a oportunidade de que em encontros com diferentes sujeitos, promovem-se maiores discussões nas convergências e divergências de opiniões, e na possibilidade de colaboração em projeto.

Através dessa experiência, Ávila (2009) explica o paralelismo de atuação do sujeito nas dimensões individual e grupal, refletidas em comportamentos que podem apresentar-se como uma entrega total no grupo do qual está inserido, na confiança e sentimento de pertencimento, como no contraste quando na não identificação para agir em individualidade. O autor também mostra que não há uma existência isolada, logo, o ser humano é integrante de um coletivo, e a denominação a que nos referimos como indivíduos é apenas uma projeção de como nos vemos, algo que assemelha-se a um arquivo pessoal. Por isso, não é uma realidade concreta, atuando como uma definição que fazemos de nós mesmos ao resistir ou desconhecer o pertencimento a um grupo.

Desta forma, o verdadeiro “eu” é algo resultante dos diversos espaços dos quais fazemos parte, e das experiências vivenciadas em cada um deles com base nas trocas entre diferentes pessoas, que influenciam nessa movimentação. E, que a representação que

inicialmente acontecia sobre si mesmo, passará a ser também uma prática quando no contato com o outro, na internalização da concepção construída sobre ele.

Ávila (2009) ao discutir sobre os estudos de Freud traz a perspectiva de que o “eu” é múltiplo, e por meio do banco de dados das suas relações, internaliza representações do outro, sendo capaz de fazer novas projeções em sonhos, como na construção de uma personalidade composta por diversos elementos selecionados dos outros sujeitos, conhecidos ou não, inclusive de si mesmo, a partir de características. Algo semelhante ocorre com a proposta de empatia, já que podemos nos representar como outro, e assim melhor compreender a dinâmica de experiências compartilhadas.

- *A interação e o ambiente escolar*

Motta; Romani (2019) apresentam a inserção da criança no ambiente escolar como oportunidade que esta tem de se conhecer melhor, ao estar num ambiente com a presença de diferentes sujeitos, com distintas personalidades. A partir desse contato entre pares, são gerados conflitos, dos quais podem se tornar instrumentos de aprendizagem e de desenvolvimento através da empatia, em conjunto com a mediação do professor, no estímulo ao respeito.

É também no ambiente escolar que a competitividade é gerada, quando na comparação entre os desempenhos individuais, sendo possível a criança perceber a proporção de suas dificuldades paralelamente a descoberta das habilidades desenvolvidas a partir dos seus interesses e desinteresses. Conforme os autores, esses são aspectos que influenciam no comportamento das crianças ao questionarem e se inquietarem quanto às suas capacidades entre os colegas, como nos rótulos de inferioridade relacionados à sua capacidade de aprendizagem, como nas práticas de bullying.

De forma agravante, isso resulta em interferências no rendimento escolar, através de um bloqueio comparativo com o desempenho dos colegas, em que a criança sinaliza o que a outra já sabe, e ela ainda não, como por exemplo, durante a realização de uma atividade, e vivências no processo de alfabetização. Com o passar do tempo, pode ser gerado um acúmulo de experiências que desestimulam a percepção de suas potencialidades, e que são classificadas por Motta; Romani (2019) como problemas internalizantes que levam ao adoecimento, e externalizantes quando impulsionam a “birra”.

Há urgências em se promover tal reflexão, de modo que possam ser contempladas desde o ensino infantil ao ensino médio, em todas as práticas pedagógicas. E, que isso possa perpassar para as escolhas nas abordagens das formações de professores, assim como

também, em debates com a família, de modo a contribuir com o bem-estar de toda a comunidade escolar. (MOTTA; ROMANI, 2019). Ao estabelecer uma relação de confiança com as crianças, com segurança contribui-se para o estímulo de práticas para uma qualidade socioemocional que terá potencial para perpassar a crise do coronavírus. Mota (2020, p.66) afirma que:

A despeito de não sabermos ainda quais serão os efeitos no comportamento emocional da criança após o período da pandemia, não podemos refutar que cuidar de sua integridade humana no “aqui e agora”, a partir da qualidade oferecida no ambiente socioemocional, é condição sine qua non para promover o bem-estar emocional necessário ao enfrentamento da situação adversa do momento.

- *Educação Socioemocional em tempos de Pandemia*

Diante do contexto da Pandemia do Covid-19, Mota (2020) explica sobre a importância da observação e tratamento dos aspectos socioemocionais para que se cultive a efetiva oferta de um ambiente que estimule a liberdade de expressão. A autora enfatiza algumas intervenções que precisam ser asseguradas quando na abordagem da temática com crianças, principalmente ao considerar as relações vivenciadas durante a pandemia do Covid-19. Ressalta assim, a visibilidade quanto às emoções das crianças, de modo a incentivar a expressão de seus sentimentos e pensamentos, para que não sejam ignoradas ou reprimidas as motivações que os provocam.

Desse modo, seus familiares, responsáveis e professores, que são figuras de cuidado conforme Justo e Andretta (2020), possam agir como facilitadores, incentivando e permitindo através do diálogo, uma aproximação que respeita suas emoções e auxilia-as na identificação e compreensão. Ao enfatizar o ambiente escolar, as autoras pontuam a interação social na qual o professor precisa estar preparado para agir por meio do conhecimento e cuidado a partir de suas próprias emoções. Essas informações o tornarão apto para perceber e discutir com seus estudantes sobre as competências socioemocionais com sensibilidade, evitando qualquer tipo de bloqueio ou resistência à participação.

Corroborando com esse pensamento, o Instituto Ayrton Senna reflete sobre a intensidade da insegurança gerada no momento de crise pandêmica, cuja influência nos comportamentos dos sujeitos, reflete a emergência de práticas de empatia, uma das competências socioemocionais que vêm assumindo potencial prática de transformação ao incentivar o exercício da compreensão na vivência do outro, em seu cenário cotidiano de inquietações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Han (2015) problematiza a ação de “ver” quanto às atitudes assumidas por cada pessoa ao praticá-la, relacionando assim, a comportamentos que são resultantes do controle do impulso, o agir na intuição, e que isso não necessariamente se refere ao assumir condição de passividade. Agir nas situações com imediatismo pode-se relacionar a uma prática de automatização do viver. Por isso, o autor enfatiza que há também um agir de forma reacionária, na resistência de buscar pela capacidade de transformação, e não se deixar vencer pelo cansaço. Porém, o autor explica que durante esse processo há condições que são mais favoráveis que outras, levando em consideração que alguns demandam um tempo maior para perceber que há sim, escolhas, e que a tomada de decisão também cabe a cada um, como responsável pela condução dos seus atos.

Desta forma, esse sentimento é cultivado em meio a desafios, seja em sua experiência na rede pública, e/ou privada de ensino, não se deve diferenciar a importância do cuidado dedicado nessa interação. E, tanto o docente, como seus alunos, possuem diferentes vivências que no processo educacional são ressaltadas quando são permitidas aproximações e compreensões de suas realidades, como numa rede de apoio que possa motivar novas práticas.

Bondia (2002) apresenta uma autorreflexão para observação do “eu”, ressaltando a prática de comportamentos condicionados a atender padrões e tendências, que para a sociedade se dá no atendimento de determinadas cobranças que nunca são suficientes, e assim, produzem potenciais esgotamentos, como na exigência de que devemos coletar intensamente e com frequência informações como seres conteudistas. O autor corrobora com Han (2015) ao tratar da importância do estímulo de reagir, despertar e permitir-se, deixar-se atentar para outros aspectos da existência, interrompendo o fluxo do imediatismo e do automatismo. Tal como a expressão “sair da caixinha”, de modo que possa participar de novos experimentos que desconstrua a previsão das suas vivências, como nas mudanças de rotina.

E assim, mostrar aos sujeitos que estes podem ser responsáveis por gerar seus próprios significados, que antes eram lhe definidos, como na imposição obrigatória de um manual de experiências com um roteiro que não deveria ser alterado. Ao reagir, o sujeito é capaz de compreender a singularidade com que cada um atribui à vivência de suas escolhas, de sua trajetória.

Desta forma, há uma valorização da expressão de ideias e sentimentos, presentes nas narrativas pessoais e profissionais de educadores em formação, nas motivações que implicam

determinadas escolhas. E, de como é possível reconhecer-se como participante de um processo de humanização quando no pertencimento a uma comunidade escolar, como na socialização com sujeitos inicialmente desconhecidos, em que a afetividade é capaz de criar vínculos de confiança, tornando-se um diferencial para a crença recíproca de potenciais, quanto à capacidade de transformação por dias melhores.

Han (2015) ressalta a importância de articular uma escuta atenta a uma visão também atenta, sendo esta, uma percepção que não julgue por impulso, e que possa evitar preconceitos a partir de uma primeira impressão, que passe a exercer a reflexão na plena observação e contemplação dos aspectos ao seu redor, inclusive seu comportamento. Esse “alerta” possibilita aos profissionais da educação, uma reavaliação de suas atividades, de modo a exercitar uma atenção que permite, por exemplo, identificar quando um estudante está com dificuldades de aprendizagem, se é algo relacionado a problemas familiares, e que até então podem não ser demonstrados de forma explícita, mas quando no interesse pela investigação do que provoca a situação, de modo a encontrar meios que valorizem seu desenvolvimento e estimulem sua participação.

Há dessa forma, uma crítica à sociedade que restringe nossos modos de viver por incentivar uma vida de “aparências”, cuja expressão dos sentimentos é rotulada como sinônimo de fragilidade. E, isso prejudica o ser humano durante todo seu desenvolvimento, quando diante de “choques de realidade”, como ao lidar com perdas, frustrações, e que assim precisa conseguir ser resiliente e criativo para encontrar soluções. Por isso, há necessidade de agir num processo de humanização que incentive conversas entre professores e estudantes, de modo que possam ter liberdade para discutir e compartilhar sobre sentimentos e experiências.

Han (2015) também explica que a promoção desses momentos decorre da atitude do sujeito quando se propõe a pensar sobre si, suas atitudes e as circunstâncias que influenciam sua personalidade, organizando assim, o fluxo com que administram suas demandas. Desta forma, é enfraquecida a influência da robotização que subestima o homem quanto ao seu poder de tomada de decisão, que ao ser confrontada, ativa a capacidade de reflexão diante das situações que tentam impedir seu desenvolvimento pelo conformismo advindo da acomodação da suficiência.

As pressões pelos padrões impostos pela sociedade provocam adoecimento nos sujeitos, os quais tem seu baixo desempenho medido a nível nacional, num velado discurso de que se é livre para fazer o que quiser. Porém, quando não se atinge aos objetivos estabelecidos, há uma feroz culpabilização que recaí sobre sua responsabilidade e não sobre as circunstâncias nas quais se está inserido, como ocorre com os índices de aprovação

escolares (MOLERO, 2015). É preciso esforço coletivo para que a mudança seja vista na prática, por meio de empatia entre os sujeitos, na busca por compreender suas expectativas e receios, e de como gostaria de ser tratado como participante daquela dimensão.

Daí a necessidade de transformação reacionária do hoje e do agora, desafiando o receio da impotência do não lutar, que reflete sujeitos reféns de uma domesticação por meio de um conformismo perante as dificuldades que na persuasão, insiste no discurso de que não há superação. A tomada da iniciativa divergente é resultado da busca por equilíbrio, que permite libertar-se do comando do imediatismo das capturas do cérebro, como na expressão de “não deixar para amanhã o que você pode fazer hoje”, ou seja, na prevenção de um adoecimento pelo desejo de mudar a realidade.

Bondia (2002) esclarece que por mais que tente-se compreender a totalidade de experiências já relatadas, apenas os que a vivenciam possuem propriedade para explicar como se sentem. Durante o processo de ensino e aprendizagem é necessário desconstruir a ideia de que a teoria tem prioridade sobre a prática, e assim permitir equilíbrio na apropriação das vivências e narrativas das mesmas, distanciando-se da dimensão das cobranças por múltiplas de que deve-se seguir um roteiro de “capacitação” para expressar-se.

Sobre o compartilhar do “eu e o outro”, Ávila (2009) explica sobre a capacidade da coletividade de experiências num mesmo espaço gerar novas experiências de interação. Ele também trata de algumas das dificuldades do “eu” em reconhecer-se como resultado dessa interação em grupo, por acreditar na singularidade de integrante e não na inclusão de uma coletividade. Nessa, assume-se uma representatividade ao fazer parte de um grupo, capaz de levar em consideração particularidades, mesmo tratando-se de um todo, tais como ocorre com membros de uma família, em papéis que uma mesma pessoa pode assumir, como ser mãe, tia, irmã, madrinha...e ainda assim, constituir-se em família. Da mesma forma, com um time de futebol, os jogadores possuem suas diferenças, e ainda assim, relacionam-se como uma equipe. Portanto, é possível pertencer a diferentes grupos, em cada vivência, e ainda assim, ser coletivo.

Através de Motta e Romani (2019) observam-se contribuições para as práticas pedagógicas que estimulam o desenvolvimento das crianças, como em suas manifestações de linguagem corporal (predominante nos pensamentos), na concretização do contato físico na aproximação da construção do seu conhecimento em suas descobertas, e verbal, quando na cooperação, nas quais o diálogo age como articulador de relações, principalmente entre os pares, de modo a permitir que a criança enfrente desafios quando diante de escolhas diferentes

das suas, e nas tentativas de socialização possa exercer o diálogo como alternativa, por meio de argumentos na organização de tomada de decisão num equilíbrio que respeite a postura do outro, a partir da compreensão de como ele se comporta, por meio da empatia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do processo de formação pedagógica, faz-se necessária a valorização de práticas de empatia quando no exercício da docência, no combate de um ensino diretivo que possa reconhecer, respeitar, e incentivar a expressão dos sentimentos entre professores e estudantes, desconstruindo essas atitudes como sinônimos de fragilidade. O autocuidado permite dessa forma, identificar e conhecer suas próprias emoções, buscando compreendê-las, como também, tornar capaz de reconhecer essas mesmas emoções no outro, e facilitar seu processo de compreensão por meio da empatia.

Da articulação entre os materiais de consulta desta pesquisa, e as discussões geradas na disciplina de Processos Interativos no Espaço Escolar, percebe-se a importância em observar e refletir quanto ao cotidiano no ambiente institucional, evidenciando a responsabilidade compartilhada que a docência exerce em conjunto com a família. Diante disso, é preciso observar que o acompanhamento do ensino e aprendizagem não restringe-se à cobrança de professores e estudantes, como condicionados exclusivamente a atender melhorias de um processo cognitivo.

São sujeitos com realidades particulares, que podem estar expostos à ausência de acolhimento, às demonstrações midiáticas, que utilizam da persuasão para manipular imagens de perfeição, e a outros fatores que atingem o emocional. A emergência dessa análise é tratada como superficial, e contribui para ocorrência de doenças e tragédias resultantes de incompreensões.

Portanto, ressalta-se aqui uma preocupação com os aspectos socioemocionais advindos das experiências, como na oferta de um espaço que discuta e investigue abordagens sobre emoções, suas provocações, e a resolução de conflitos. Atuando assim, como numa rede de apoio solidária com o coletivo, no sentimento de pertencimento, e a necessidade de intervenções durante a interação com o outro. E, que durante esse percurso possa-se valorizar as experiências, mediando-se as contínuas descobertas, capazes de promover um engajamento no desenvolvimento de competências socioemocionais, com subsídios que otimizem o tempo, e despertem interesses no compartilhamento de emoções.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Lazslo Antonio. **O Eu é plural: grupos: a perspectiva psicanalítica**. Vínculo, São Paulo, v. 6, n.1, p. 39-52, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902009000100005> Acesso em: 09 abr. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020. In: Diário Oficial da União. Brasília: DOU, 2020. [Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872> . Acesso em: 05 ago. 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015. 80 p.

INSTITUTO AYRTON SENNA. **Competências socioemocionais para contextos de crise**. Disponível em: <https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/socioemocionais-para-criSES.html>. Acesso em: 10 ago. 2021

JUSTO, A. R; ANDRETTA, I. Competências socioemocionais de professores: avaliação de habilidades sociais educativas e regulação emocional. **Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação**. ISSN 2175-3520, n. 50, 2020.

MOLERO, Elaine. **O Adoecimento da Instituição Escolar e os Funcionamentos Implícitos: o vínculo como fator de Proteção a saúde mental**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

MOTA, ANA PAULA FERNANDES DA SILVEIRA. Educação emocional e infância: cuidado às crianças no isolamento social. Pandemia e pandemônio [recurso eletrônico]: reflexões sobre educação emocional em tempos de coronavírus / organizadora: Mariana Marques Arantes. – Recife: **Ed. UFPE**, 2020.

MOTTA, Pierre Cerveira; ROMANI, Patrícia Fasolo. A educação socioemocional e suas implicações no contexto escolar: uma revisão de literatura. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 49, p. 49-56, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752019000200006. Acesso em 19. Mar.2021.

PLATAFORMA EDUCACIONAL PAR. **Competências socioemocionais na BNCC**. Disponível em: <<https://www.somospar.com.br/wp-content/uploads/2018/07/ebook-competencias-socioemocionais-bncc.pdf>>. Acesso em: 06 ago.2021.

TREVISOL Neto, Orestes. **Métodos e técnicas de pesquisa**. Chapecó, SC: Argos, 2017. 96p.